

# COMUNICAR



*Santa Casa da Misericórdia  
de Ilhavo*

*n.º 6*

*Julho / 2002*



# EDITORIAL

Ocorreu em Aveiro o III Encontro das Misericórdias do Distrito numa organização do Secretariado Regional de Aveiro da União das Misericórdias.

Numa verdadeira demonstração de vitalidade das Instituições que representamos foram desenvolvidos três temas relacionados com a problemática dos Idosos e a nossa capacidade de resposta:

- Idosos do Nosso Tempo - Que perspectivas para o Futuro?
- Envelhecimento das Respostas Tradicionais de Apoio aos Idosos.
- - Idosos do Nosso Tempo - Que perspectivas na área da Saúde?

Dia de reflexão mas também de afirmação. De afirmação de que as Misericórdias continuam a desenvolver todos os esforços no sentido do cumprimento da sua missão de proporcionarem uma vida digna aos idosos que acolhem nos seus Lares ou que apoiam nos domicílios através do Apoio Domiciliário. E agora também disponíveis e empenhados na definição de uma política e de um sistema organizativo em matéria de cuidados continuados.

A promoção do bem comum passa pela permanente procura de novas soluções.

No início do século XXI as “*Quatorze Obras de Misericórdia*”, que constituem a essência do exercício da caridade entre os católicos, continuam a ser as referências e a motivação das nossas Instituições tanto no apoio aos mais desfavorecidos como no desenvolvimento de actividades sociais e culturais.

E foi também dentro desse espírito que a Santa Casa da Misericórdia de Ílhavo colaborou no lançamento do livro “A Figueira da Foz e a Pesca do Bacalhau” da autoria de Manuel Luís Pata, querendo, com este gesto, prestar homenagem aos nossos “Homens do Mar”.

Apraz-nos registar estes dois acontecimentos como exemplos dos valores que defendemos.

TÍTULO: COMUNICAR  
DIRECÇÃO: HELDER VIANA  
Nº DE EXEMPLARES: 1.000  
DISTRIBUIÇÃO: GRATUÍTA

PROPRIEDADE: SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE ÍLHAVO  
COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO: TIP. BEIRA-MAR  
CAPA: JOÃO CARLOS Mouro  
MAQUETAGEM: PATRÍCIA BEM

## MISERICÓRDIAS UM ESPÍRITO A DEFENDER E A FOMENTAR

As Misericórdias representam na história e desde o seu início, a preocupação e o gesto concreto de a Igreja realizar, através de uma instituição de leigos cristãos, o mandato de amor que Jesus Cristo pede aos cristãos a favor dos mais pobres. Chamam-se Misericórdias porque pretenderam ser a concretização das obras de misericórdia, tanto corporais como espirituais, inspiradas no Evangelho. Se, ao longo do tempo, por intromissão dos poderes políticos e por vicissitudes históricas diversas, algumas destas instituições cederam a servir fins e a seguir métodos não evangélicos, o seu espírito nunca se apagou e tem vindo ao de cima, como que a testemunhar a fidelidade às origens. Porém, a tentação persiste aqui e ali e há que estar atentos para que não se perca a inspiração e o espírito inicial de tão beneméritas instituições cristãs, pois está aí a força que as caracteriza.

A forma canónica encontrada para interessar os cristãos a participar e para servir de fermento animador nas comunidades, foi a de Irmandade, ou seja, de associação de leigos, formada por irmãos na fé, membros da mesma Igreja, fiéis ao mesmo Evangelho de Cristo, orientados pelo mesmo espírito de caridade e de solidariedade fraterna.

Reconheço que esta dimensão associativa que se traduz numa Irmandade, fundamental para bem entender e viver o espírito das Misericórdias, se vem enfraquecendo em muitas delas. Valorizaram-se, e muito bem, diversos aspectos relacionados com novas características emergentes, muito relacionadas com os aspectos de gestão de bens e de actividade, de ligação às instâncias governamentais e de resposta a novas situações sociais, mas não se tem valorizado e animado, com o mesmo interesse, a dimensão associativa, com a sua missão de influir e de alargar, no meio eclesial e social, o sentido de fraternidade, conseqüente com a fé e o dever de praticar a caridade evangélica para com os necessitados.

Por mim, é este hoje um dos aspectos a que todas as Misericórdias devem prestar especial atenção e cuidado. Elas não são a mão longa do Estado para, em seu nome, fazerem acção social. São instituições cristãs de leigos, que se devem sentir como tais, na prática organizada de bem fazer e de estimular outros a que o façam também, com igual espírito e zelo.

Isto exige que se fortaleça a dimensão de fraternidade, na fidelidade ao compromisso que rege a associação e insere esta, organicamente, na Igreja e, pelo serviço que prestam, também na sociedade. Isto exige que os Irmãos se formem no espírito evangélico, que é já por si espírito apostólico e comunitário, e se preparem para assumir os seus deveres e disponibilizarem para servir os fins da Irmandade, como dirigentes ou como seus membros, em qualquer dos casos, sempre como membros activos.

Vêm-se, por esse país fora, algumas Misericórdias com dificuldade para renovar os seus quadros, por falta de disponibilidade dos seus associados para servir e outras marcadas por apetências de vária ordem, que podem pôr em causa e sua identidade e o seu espírito.

O cuidado pela formação cíclica dos Irmãos e pela sua integração eclesial e social, é o melhor caminho para que as Misericórdias se mantenham fiéis à sua natureza, missão e objectivos e tenham influência activa no meio.

Serão esses membros, formados e integrados, que poderão renovar os quadros directivos, ser sensíveis às formas de necessidade e de pobreza, social e moral, existentes no meio, e com capacidade para encontrar as melhores soluções para os problemas. São esses membros que serão capazes de dialogar com as instâncias civis, nacionais ou locais, sem subserviência nem arrogância, mas em pé de igualdade, com consciência do serviço que prestam, do respeito que o mesmo merece e com a responsabilidade e o dever de se ser inovador e criativo, quando se servem as pessoas em aspectos fundamentais da sua vida.

As comunidades precisam de Misericórdias, fiéis ao espírito que as originou e aos objectivos evangélicos que as devem nortear sempre.

D. António Marcelino, Bispo de Aveiro

# Obras de Misericórdia

*As obras de misericórdia corporais são:*

- 1º - Dar de comer a quem tem fome;
- 2º - Dar de beber a quem tem sede;
- 3º - Vestir os nus;
- 4º - Dar pousada aos peregrinos;
- 5º - Assistir aos enfermos;
- 6º - Visitar os presos;
- 7º - Enterrar os mortos.

*As obras de misericórdia espirituais são:*

- 1º - Dar bom conselho;
- 2º - Ensinar os ignorantes;
- 3º - Corrigir os que erram;
- 4º - Consolar os tristes;
- 5º - Perdoar as injúrias;
- 6º - Sofrer com paciência  
as fraquezas do nosso próximo;
- 7º - Rogar a Deus por vivos e defuntos.



H. G. V. N. O.

## HOSPITAIS, MISERICÓRDIAS E PARCERIAS

Terminado o Ciclo da Actividade Hospitalar das Misericórdias, cuja história, nos seus mais específicos pormenores e no seu âmbito nacional próprio, só daqui a alguns anos, se poderá, na distanciação do tempo, desapaixonadamente fazer, eis que outras alternativas surgem, como corolário da força secular, própria destas instituições.

As creches, centros de acolhimento infantil, os lares de idosos, a ocupação de tempos livres, são entre outras, muitas das alternativas que os Homens de boa vontade, herdeiros recentes, destes patrimónios, têm vindo a procurar implementar, como aproveitamento alternativo às estruturas remanescentes.

Entendendo que a actividade das Misericórdias no dealbar deste Milénio, não deverá mais questionar um eventual retorno à Actividade Assistencial, Médica de Agudos.

Esta área é hoje cometida por direito constitucional ao Estado, enquanto garante de uma actividade social, universal e gratuita, englobada nos direitos gerais dos cidadãos.

No entanto, um Hospital de Agudos defronta-se com um problema cada vez mais premente, que é o aumento exponencial de internamento de doentes crónicos, que, depois da sua fase de agudização intercorrente resolvida, não mais precisa da Instituição Hospitalar. Esta situação conhecida de todos, resulta de um envelhecimento notório da população, como consequência do aumento da esperança geral de vida.

Mas saído do Hospital, o doente “relativamente” curado ainda não está em plenas condições para ser integrado no seu meio familiar, nem igualmente a família tem condições físicas e humanas para o receber, ainda relativamente incapacitados e eventualmente com necessidades de alguns cuidados de saúde.

Por seu turno os doentes com patologias crónicas, eventualmente acamados e por vezes com necessidades de transportes periódicos, mas constantes, aos Cuidados Assistenciais Hospitalares, mobilizam de uma maneira persistente os membros de uma família, com compromissos laborais insubstituíveis, e/ou com familiares menores a atender e a cuidar.

Por tudo isto, é que penso que a **Área de Cuidados Continuados**, será concerteza uma área privilegiada a desenvolver no futuro, nas Instituições das Misericórdias. Por um lado, porque vem complementar uma actividade assistencial aguda Hospitalar, melhorando de uma maneira significativa, as taxas de ocupação das camas Hospitalares, nomeadamente na área da Medicina Interna, e por outro lado, porque vem apoiar de uma forma francamente positiva o tipo de estrutura familiar, actualmente existente, nas Sociedades Modernas.

O Hospital Infante D. Pedro Aveiro, já manifestou junto da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Ílhavo, todo o desenvolvimento deste pensamento, desejando inclusivè realizar uma **parceria** efectiva entre as duas Instituições, incluindo nela a Segurança Social.

Razões ponderosas, mas não ultrapassáveis, têm vindo a adiar sucessivamente este projecto.

Faço votos para que o próximo Conselho de Administração do meu Hospital, possa realizar aquilo, que eu, infelizmente não pude pessoalmente concretizar.

São estes os votos sinceros de,

O Director do  
Hospital Infante D. Pedro Aveiro  
Dr. Rui de Brito

## DE QUE ESTAMOS À ESPERA?

É verdade que deixamos de reparar frequentemente na beleza do Jardim que cresce em nossa casa, a nosso lado, por toda a parte. Que havemos de fazer? Somos assim: distraímos-nos e gozamos mais com as árvores que tombam. E quanto maiores, melhor.

Eu julgo só eu? que era altura de pararmos um pouco, para nos perguntarmos se são estes os alicerces sobre os quais se pode e deve construir uma Civilização.

Nós gloriámo-nos da nossa Civilização dita Ocidental, mas cada vez mais, vamos perdendo razões para tal. Se é que algumas tivemos, se olharmos com olhos de ver para as cores negras (entenda-se vermelhas de sangue) que, através dos tempos foram marcando e enodando esta história. Poderíamos ficar só nas guerras e isso nos bastaria.

Entretanto essas nódoas avivam-se com guerras que ainda há quem queira justificar, com agressões de toda a ordem à dignidade humana haja em vista, por exemplo o que acontece com o clima de corrupção que desgraçadamente se generaliza com a implantação bem apadrinhada de uma “cultura” marcada pela banalidade, pelo consumismo e pelo pan-sexualismo, com o desenvolvimento incontrolado de uma filosofia económica hiper-neoliberal, que desconhece o Homem, que arremessa às silvas tudo o que cheira a solidariedade.

Todos os acontecimentos da História, que escondem bem dentro de si aquilo a que Santo Agostinho chamou “*Sementes de Deus*”, isto é, mensagens que vos levam à reflexão e à descoberta de lições e interpelações que nos abrem caminhos outros.

Na minha mente está o 11 de Setembro.

Não será correcto que o consideramos e só um acontecimento de malvados, que foi. Mas, tendo em conta as circunstâncias até de lugar! em que ocorreu, temos mesmo que nos perguntar se esta é a Civilização que tem o Homem como centro, como fundamento, como critério.

Por mim, julgo que o Homem foi posto fora do seu lugar por uns homenzinhos que se julgam e actuam como senhores do mundo.

Se é urgente parar e pensar, por que esperamos?

**D. Manuel da Silva Martins**  
(Bispo Resignatário da Diocese de Setúbal)

# 83.º ANIVERSÁRIO DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE ÍLHAVO

## O QUE DISSE A IMPRENSA...

# O ILHAVENSE

TRIMENSÁRIO INDEPENDENTE

01 de Maio de 2002 • Nº 629 • 2ª Série

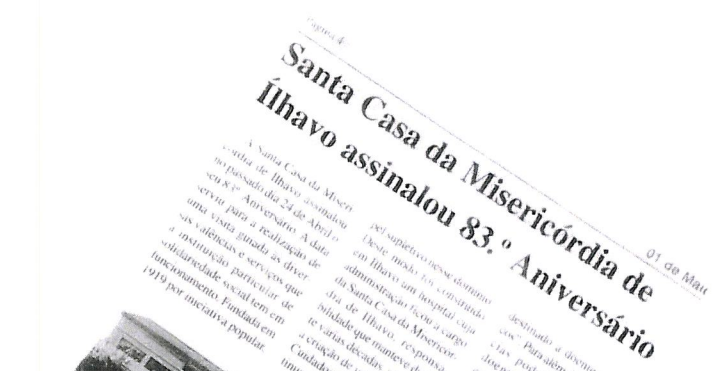
## Santa Casa da Misericórdia de Ílhavo assinalou 83.º Aniversário

Ler página 4



Uma das diversas valências da Santa Casa da Misericórdia de Ílhavo

“... As Santas Casas, pelo testemunho das suas obras, pela exemplaridade, pela coragem, pela persistência, pela coesão institucional, contra a indiferença, a apatia e o inconformismo, e com o imperativo do rigor, vão continuar a ser instituições fundamentais da sociedade portuguesa...” In Comunicar nº5



...destinado a oferecer um vasto leque de serviços, desde a acolhida de recém-nascidos, até a realização de exames de diagnóstico por imagem, passando pelo tratamento de doenças crónicas e agudas, e até à prestação de cuidados paliativos.

A Santa Casa da Misericórdia de Ílhavo assinalou, no passado dia 24 de Abril, o seu 83.º aniversário. A data foi aproveitada para a realização de uma visita guiada às diversas instituições e serviços que compõem a entidade, bem como à apresentação da sua história.

...do Hospital de Santa Casa da Misericórdia de Ílhavo, respondendo a várias demandas, sendo que a criação de um Hospital de Cuidados Continuados mantém-se numa grande aspiração.

...destinado a oferecer um vasto leque de serviços, desde a acolhida de recém-nascidos, até a realização de exames de diagnóstico por imagem, passando pelo tratamento de doenças crónicas e agudas, e até à prestação de cuidados paliativos.

...destinado a oferecer um vasto leque de serviços, desde a acolhida de recém-nascidos, até a realização de exames de diagnóstico por imagem, passando pelo tratamento de doenças crónicas e agudas, e até à prestação de cuidados paliativos.

# BORA TE

## 83º Aniversário da Santa Casa



# BEIO

## da Misericórdia de Ílhavo

...destinado a oferecer um vasto leque de serviços, desde a acolhida de recém-nascidos, até a realização de exames de diagnóstico por imagem, passando pelo tratamento de doenças crónicas e agudas, e até à prestação de cuidados paliativos.

...destinado a oferecer um vasto leque de serviços, desde a acolhida de recém-nascidos, até a realização de exames de diagnóstico por imagem, passando pelo tratamento de doenças crónicas e agudas, e até à prestação de cuidados paliativos.

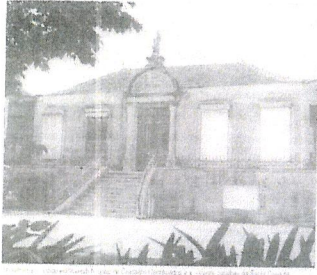
Um exemplo de uma Greche-Estrela entre 19 e 20 anos.

**Destaque**

**Diário da Aveira** 5

Santa Casa da Misericórdia de Ilhavo festeja 83.º aniversário

# Hospital de Cuidados Continuados é a «grande batalha»



## Misericórdia de Ilhavo há 83 anos

Em 1919, a Misericórdia de Ilhavo comemorou o seu 83.º aniversário. A instituição, criada em 1836, tem hoje 120 funcionários e presta serviços de saúde e assistência social a cerca de 1000 utentes. O Hospital de Cuidados Continuados é a sua principal unidade de saúde, com 100 camas e 24 horas de atendimento. A Misericórdia também possui um Centro de Dia, um Centro de Convalescença e um Centro de Apoio à Família. O seu trabalho é regido pelo Estatuto da Misericórdia de Ilhavo, aprovado em 1998.

## Misericórdia de Ilhavo há 83 anos

A Misericórdia de Ilhavo é uma instituição de solidariedade que tem como missão prestar serviços de saúde e assistência social aos cidadãos em situação de vulnerabilidade. A sua história remonta a 1836, quando foi criada por um grupo de cidadãos ilhaves. Desde então, a Misericórdia tem vindo a desenvolver um trabalho cada vez mais abrangente, adaptando-se às necessidades da comunidade. O seu trabalho é regido pelo Estatuto da Misericórdia de Ilhavo, aprovado em 1998.

Em 1919, a Misericórdia de Ilhavo comemorou o seu 83.º aniversário. A instituição, criada em 1836, tem hoje 120 funcionários e presta serviços de saúde e assistência social a cerca de 1000 utentes. O Hospital de Cuidados Continuados é a sua principal unidade de saúde, com 100 camas e 24 horas de atendimento. A Misericórdia também possui um Centro de Dia, um Centro de Convalescença e um Centro de Apoio à Família. O seu trabalho é regido pelo Estatuto da Misericórdia de Ilhavo, aprovado em 1998.

A Misericórdia de Ilhavo é uma instituição de solidariedade que tem como missão prestar serviços de saúde e assistência social aos cidadãos em situação de vulnerabilidade. A sua história remonta a 1836, quando foi criada por um grupo de cidadãos ilhaves. Desde então, a Misericórdia tem vindo a desenvolver um trabalho cada vez mais abrangente, adaptando-se às necessidades da comunidade. O seu trabalho é regido pelo Estatuto da Misericórdia de Ilhavo, aprovado em 1998.

A Misericórdia de Ilhavo é uma instituição de solidariedade que tem como missão prestar serviços de saúde e assistência social aos cidadãos em situação de vulnerabilidade. A sua história remonta a 1836, quando foi criada por um grupo de cidadãos ilhaves. Desde então, a Misericórdia tem vindo a desenvolver um trabalho cada vez mais abrangente, adaptando-se às necessidades da comunidade. O seu trabalho é regido pelo Estatuto da Misericórdia de Ilhavo, aprovado em 1998.

### Perfil

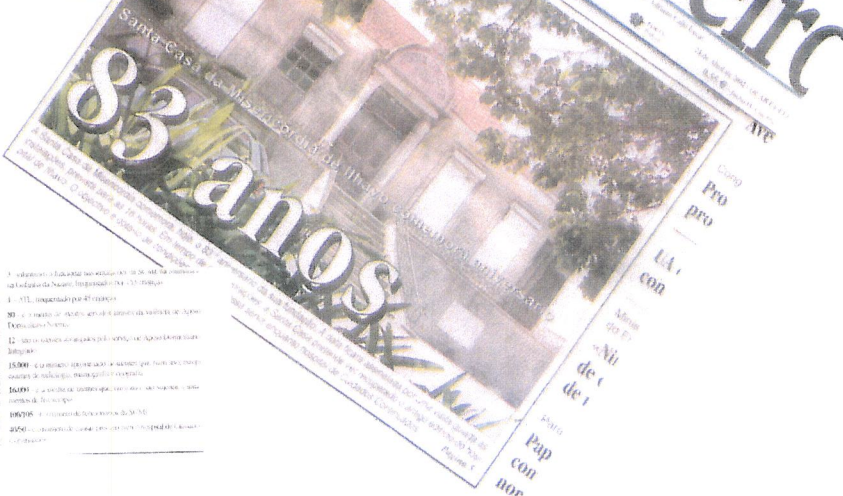
#### Fernando Paz Duarte, o provedor



Fernando Paz Duarte é o provedor da Santa Casa da Misericórdia de Ilhavo. Possui uma licenciatura em Engenharia e um mestrado em Gestão. Foi diretor da Santa Casa da Misericórdia de Ilhavo durante 10 anos. Atualmente, é responsável pela gestão da instituição e pela implementação de projetos de desenvolvimento social e saúde.

### A Santa Casa em números

- 1. 2004/2005 - 1000 utentes em tratamento
- 2. 100 camas em funcionamento
- 3. 120 funcionários
- 4. 1000 utentes em tratamento
- 5. 1000 utentes em tratamento
- 6. 1000 utentes em tratamento
- 7. 1000 utentes em tratamento
- 8. 1000 utentes em tratamento
- 9. 1000 utentes em tratamento
- 10. 1000 utentes em tratamento
- 11. 1000 utentes em tratamento
- 12. 1000 utentes em tratamento

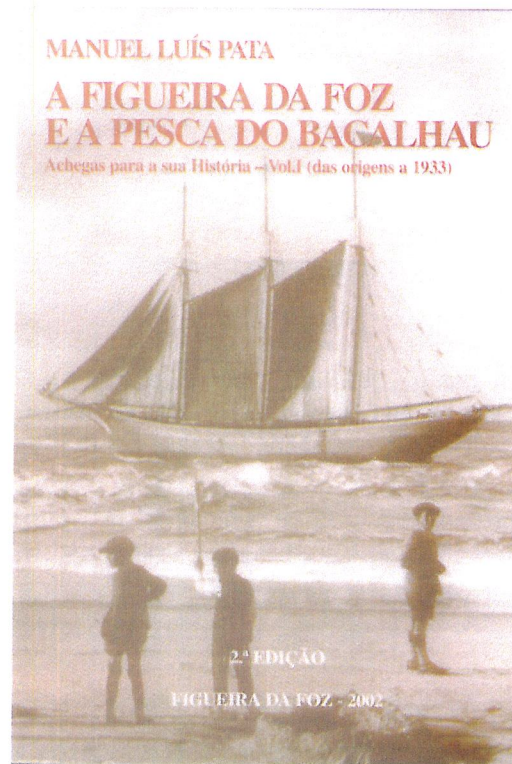


Almoço convívio com funcionários, irmãos e entidades, elucidativo do ambiente de colaboração e participação por todos os envolvidos.



## BIBLIOGRAFIA

Por iniciativa da Santa Casa da Misericórdia de Ílhavo, aconteceu no passado dia 08 de Junho de 2002, no auditório do Museu Marítimo de Ílhavo, a apresentação da 2ª edição do volume I, do Livro A FIGUEIRA DA FOZ E A PESCA DO BACALHAU da autoria de Manuel Luís Pata.



Esta reedição, que consideramos ser de um estudo bem elaborado, relata a vida de Navios na Terra Nova, até ao Ano de 1933.

Nele se descreve a árdua vida das *nossas gentes*, que passou o maior tempo da sua existência, rodeada de Mar e Céu.

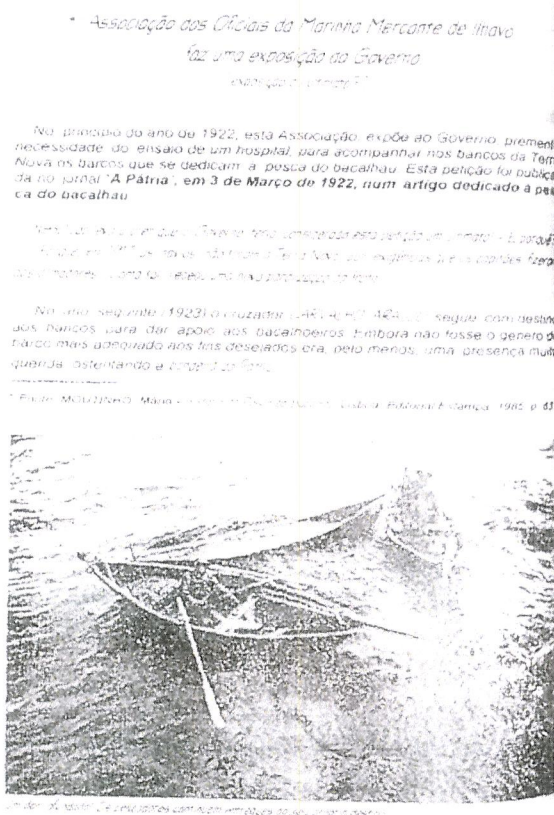
Também Ílhavo se retrata nas várias páginas deste volume, que se prolonga por mais dois números, impondo-se como uma mais valia para a História Marítima da Pesca do Bacalhau.



O Autor, Manuel Luis Pata / O Provedor, Prof. Fernando Maria,  
O Presidente da Câmara, Eng.º Ribau Esteves / O Director do Museu, Cap. Francisco Marques.



**O Director do Boletim / O Autor / O Provedor da Santa Casa,  
O Presidente da Câmara / O Director do Museu,  
O Presidente da Assembleia Geral da Santa Casa**



... do Livro



Sessão de Autógrafos

**Biografia do Autor**

Manuel Luis Pata nasceu na Gala, Figueira da Foz, a 22 de Novembro de 1924, filho, neto e bisneto de marítimos de descendência ílhavense. Nesta cidade frequentou a Escola Industrial da Figueira da Foz. A sua vida profissional teve fases distintas, mas sempre ligada ao mar.

Embarcado, em 1943, como ajudante de motorista no lugre *Ana 1*, tirou em 1946 a primeira carta de motorista. Contratado, em 1948, pela Empresa de Navegação Limpopo de Lourenço Marques, foi embarcar a Escócia num novo navio destinado a essa Empresa. Tirou em Lourenço Marques nova carta (1949).

Regressado a Lisboa (1953), fez exame para a carta de motorista de 1ª classe. De retorno a Moçambique em 1959, até ao fim desse ano fez vida do mar.

Ingressado nos quadros de pessoal da Sena Sugar Estates (sede no Luabo), foi colocado nos estaleiros do Chinde, onde chefiou a secção de mecânica, fazendo a montagem dos motores num novo navio dessa Companhia o que levou a administração a convidá-lo para governar tal navio. Para isso teve de fazer estudos mais avançados e, bem sucedido, permaneceu em funções nessa embarcação (destinada a transporte de carga, de passageiros, e da administração) durante quatorze anos.

Recebeu dois louvores dados pela Capitania do porto do Chinde: o primeiro por ter ajudado a retirar do rio 26 carros das Forças Armadas, no seguimento de um naufrágio de um batelão em que faleceram 105 militares; o segundo por ter colaborado no salvamento da canhoneira *Iete*, que se afundou no mesmo porto. Ainda em Moçambique, fundou e geriu a Sociedade de Pesca Quelimane, nesse local.

O Livro encontra-se disponível nos Serviços da Santa Casa da Misericórdia de Ílhavo, na Papelaria Tivol, Quiosque Nossa Senhora do Pranto e Quiosque do Jardim, em Ílhavo e nas Firmas: Policorrente, Lda. e Casqueira Santos & Magano, Lda., na Gafanha da Nazaré.

**DIA DA MÃE**

Há dias que merecem uma atenção especial.  
E todas as Mães são especiais...  
E todos os dias para elas são especiais...  
São Mães.  
São especiais.

**O que dizem as nossas crianças:****Raquel Cunha (6 anos)**

- Uma Mãe é uma pessoa muito bonita e querida. As mães trabalham muito, só às vezes é que brincam com os filhos. As Mães compram muitas roupas e todos os dias levam o cão a passear. Quando chegam sentam-se a fazer renda e a ver as novelas. No mundo só há uma Mãe para cada criança. As Mães têm filhos, os pais não têm, por isso Mãe há só uma, Pais podem haver muitos. Eu tenho uma Mãe muito gira.

**Bruno Soares (6 anos)**

- Uma Mãe faz tudo. Lava a loiça e essas coisas. Faz o comer, mas às vezes os filhos não comem esse comer. Depois deita os filhos e vê televisão. Quando está muito d'noite vai-se deitar. A melhor coisa que a minha Mãe faz é um comer com batatas, peixe e queijo misturados e depois um gelado.

**Francisco (6 anos)**

- É quem trata dos filhos. Dá leite no biberão, dá mimos, faz o comer, as pápas, vai às compras, para comprar o leite e mais comida. Toda a gente tem Mãe. A minha Mãe tem uma Mãe que é minha avó. Adoro-te Mãe.

**Carlos Daniel (6 anos)**

- A minha Mãe tem cabelo castanho, é um bocadinho magra, mas também tem forças. A minha Mãe, vai-me buscar à escola e depois faz o comer. Faz coisas boas, como batatas fritas. Às vezes. Na televisão vê muitos telejornais. Nem todos os meninos têm Mãe, há Mães que já morreram. Se não fossem as Mães, não existiam os filhos. A minha Mãe é a mais bonita.

**António Jorge (6 anos)**

- A minha Mãe faz comida, passa a ferro, lava a roupa e arruma a mesa. A Mãe faz sempre tudo bem, nunca se engana. No mundo há muitas Mães, têm cabelo mais curto, e têm caras diferentes da minha Mãe.

**Daniela (8 anos)**

- A Mãe serve para nos educar e para fazer o comer. Alegra-nos quando estamos tristes.

## DIA MUNDIAL DA CRIANÇA

Careca, ruiva, loira  
cabelo curto ou com trança  
és sempre a mesma criança

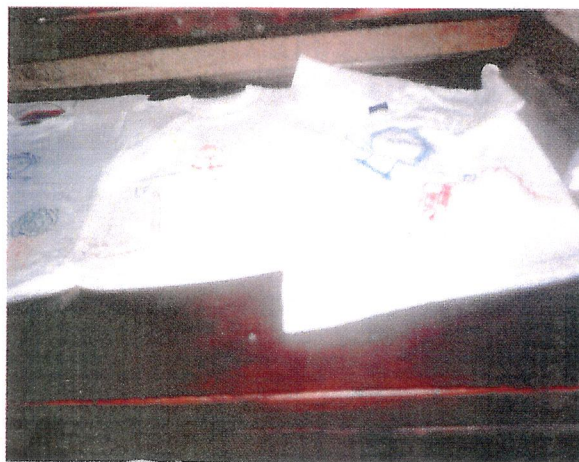
que brinca, joga, empurra,  
amua,  
faz, desfaz, põe, contrapõe...  
risca, rabisca, pinta  
e com pinta convence  
quem grande já é!



A



NOSSA



O TRABALHO DAS NOSSAS CRIANÇAS

Mexe remexe, amassa  
e com graça canta e encanta  
ri e espanta  
Com tudo o que já aprendeu!

Sente, ressenete-se  
e já sabe dizer não...

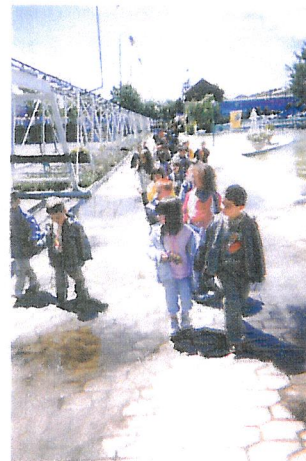
Então, criança?!  
Olha em redor... segue em frente  
que a gente vai-te ajudar...



GENTE

### OS NOSSOS PASSEIOS

No passado dia 13 de Maio, fizemos o nosso passeio. Este ano o local eleito foi nada mais nada menos do que?!... A BRACALÂNDIA, em Braga. Aqui ficam algumas opiniões das nossas crianças.



A  
c  
h  
e  
g  
a  
d  
a



A  
e  
s  
p  
e  
r  
a  
d  
o  
a  
l  
m  
o  
ço



O  
p  
a  
s  
s  
e  
i  
o  
d  
e  
c  
o  
m  
b  
o  
i  
o

COMENTÁRIOS DOS NOSSOS UTENTES

Manuel Marques Machado  
 Cap. Da Misericórdia  
 R. Pinto Bazo, 15  
 3830 Ílhavo 234326299

Ex.ma D. Filomena Pinto Coelho, Directora dos Serviços de Apoio Domiciliário da Santa Casa da Misericórdia de Ílhavo.

Minha Senhora:

Não para cumprir um dever de circunstância, mas sim para expressar, sentidamente, toda a simpatia que nos merece a Obra da Santa Casa e, de modo muito particular, os Serviços de Apoio Domiciliário de que usufruímos por largos anos. Tantos como aqueles de que necessitou a nossa Mãe e que nós filhos, mas já velhos também, não poderíamos prestar sem dificuldades.

Em boa hora nos decidimos a recorrer a esse Apoio Domiciliário.

Não queremos, de modo algum, esquecer qualquer das Senhoras Auxiliares que, ao longo dos anos, prestaram assistência à nossa Mãe. Ficamos a conhecer todas, pelos nomes e, sobretudo, pela sua simpatia no tratamento da nossa Mãe. A todas lembramos com apreço e consideração pela gentileza e carinho com que sempre lidaram com ela.

Como símbolo dessa Santa Casa na prestação cuidada de toda a delicadeza e carinho que os Velhinhos merecem e esperam, destacamos os nomes de D. Rosália Maria, D. Adília, D. Manelinha, D. Fátima e D. Maximina já que, por escala de serviços, mais conviveram com nossa Mãe.

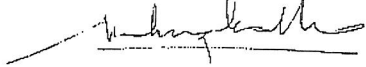
Seríamos menos gratos se não lembrássemos os nomes do Sr. Arlindo Silva e D. Maria Carlos que foram traves mestras desta Obra de Assistência.

E, por último, os nomes do Provedor Prof. Fernando Maria e da Senhora Directora a quem pertence a continuidade no aperfeiçoamento constante de uma Assistência que muito honra a Santa Casa e dignifica a nossa comunidade.

Velhos que somos, para nada valem, mas ficamos ao dispor, com a gratidão e simpatia que vos devemos.

Em nome de:

Maria Nunes Marques Machado  
 Maria Luíza Chuva Marques  
 Carlos Manuel Teles Paião  
 Ofélia Marques Paião  
 João António Machado Marques  
 E no meu que subscrevo,



a) Manuel Marques Machado

Ílhavo, 06 de dezembro de 1999

Ílhavo, 15-11-2000

22.11.2002  
 ARQUIVADO EM

Dr.ª Filomena

Ainda não refizta do grande desgosto sentido, venho agradecer-lhe a amabilidade e simpatia com que me atendeu, sempre que a Senhora me dirigiu.

Queria agradecer-lhe pessoalmente, mas não me é possível de momento, pois até escrever me é penoso.

Peço-lhe mais uma atenção, além das que já me dispensou; porque não posso fazê-lo pessoalmente, peço-lhe o favor de agradecer em meu nome a todas as senhoras da Santa Casa da Misericórdia que passaram pela minha casa a tratar do meu doente, e foram como se desempenhassem.

Queria, porém enviar um agradecimento especial às duas senhoras mais assíduas no tratamento do meu doente, D. Fátima Martins e D. Maximina Rocha pelo cuidado e atenção que puseram sempre nos seus serviços e pelo carinho e dedicação que durante todo este doloroso período demonstraram. Fico-lhes particularmente grata e dedico-lhes a minha muito sincera e incondicional amizade. São realmente dignas de apreço.

Com os meus cordiais cumprimentos, subscrevo-me muito grata

Maria Esmeralda Marques

SERVIÇOS DA SANTA CASA

Serviços Administrativos .....	234 329 430
Serviço de Radiologia, Ecografia e Mamografia .....	234 329 430
Serviço de Fisioterapia .....	234 329 430
Actividades de Tempos Livres .....	234 329 430
Jardim de Infância da Lagoa .....	234 329 430
Creche Familiar .....	234 329 430
Creche da Lagoa .....	234 321 225
Centro Infantil de Ílhavo .....	234 322 520
Centro Infantil da Gafanha da Nazaré .....	234 366 373
Serviço de Apoio Domiciliário .....	234 322 520

## OS NOSSOS COLABORADORES

Com cerca de nove séculos de vida documentada, **Ílhavo** tem a sua história ligada ao mar, com filhos ilustres, cujas artes e letras continua a levar bem longe o seu nome.

Nas artes plásticas, expondo o mar, a ria e a pesca, temas mais utilizados pela *nossa gente*, vêm dando dimensão à *nossa terra* e continuando toda uma história que se liga ao futuro.

Nas letras impregnam a poesia e a prosa da nossa época com a recordação das origens.

Para as gerações vindouras eles irão funcionar como um estímulo e um desafio para que se descubram os feitos dos agora nossos contemporâneos.

Ultimamente, o nosso boletim COMUNICAR, em liberdade de pensamento e expressão, tem vindo também a divulgar o nosso património cultural.

**ANTÓNIO NEVES**, (capa do Comunicar n.º 4), nasceu em Ílhavo a 13 de Outubro de 1963.

Aos 16 anos ingressou na Vista Alegre onde aprendeu a esboçar os primeiros desenhos.

O gosto das aguadas levou-o a deixar a fábrica e lançou-se na arquitectura das artes plásticas.

Com tons suaves, definidos em policromia variada, traz-nos trechos do nosso Ílhavo.

**PAULA AGUALUZA**, (capa do Comunicar n.º 5), nasceu em Ílhavo a 17 de Abril de 1954.

Teima em pôr nos seus trabalhos o simplesmente belo.

Interprete por excelência, desliza com suavidade o pêlo dos pincéis ao som de músicas, algumas delas em exclusividade, criadas pelo seu marido Vasco Bilelo.

Ver Paula Agualuza é uma oportunidade de vida numa expressão de alegria.

**JOÃO CARLOS MOURO**, (capa do Comunicar n.º 6), nasceu em Ílhavo a 28 de Novembro de 1942.

Retratista, verdadeiro duplo do real, é de pintura sóbria e desenho equilibrado que transmite o seu estado de alma.

Na sua maior parte, os seus quadros são crónicas de Ílhavo, lugares comuns que a sua arte consagra.

Os poetas, **AUGUSTO NUNES**, (Comunicar n.ºs 4 e 5) nascido em Ílhavo a 15 de Agosto de 1956 e **JOSÉ CACHIM**, nascido em Ílhavo a 7 de Novembro de 1936, de modo simples introduzem o leitor para a feitura literária.

As suas obras não precisam de auxílio para a legibilidade do que dizem. Atraem pela maneira como dialogam com o leitor.

Falarmos destes artistas Ilhavenses é o mesmo que falar de outros que, certamente com a mesma espontaneidade, irão dar continuidade às artes e letras do “COMUNICAR”.

Disse La Bruyère,... “*Não há no mundo exagero mais belo que a gratidão*”.

**Helder Viana**

**Também tu podes usar este “COMUNICAR”.**

**Participa!**

